

CARTOGRAFIA DO ESPAÇO: A PASSO DA GUANXUMA DE CAIO FERNANDO ABREU

Moisés Henrique de Mendonça Nunes¹

Resumo: Passo da Guanxuma é uma cidade fictícia criada por Caio Fernando Abreu em meados da década de 1980 que está disseminada entre os contos e romances do escritor, no qual visualizamos não somente a concepção de espaço como uma descrição de local que as personagens ocupam, mas o papel e função que ela acarreta. Encontramos essa cidade sendo mencionada em contos como “Introdução ao Passo da Guanxuma”, “Pequeno monstro” e “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, presente nas coletâneas *Ovelhas negras* (1995) e *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), respectivamente, como pelo narrador-personagem, que é oriundo de Passo da Guanxuma, do romance *Onde andaré Dulce Veiga?* (1992), embora apareça também em outras produções do escritor. Desse modo, o presente trabalho apresenta reflexões iniciais ocasionadas pela pesquisa na produção literária de Caio Fernando Abreu que aparece a cidade fictícia Passo da Guanxuma, ao observar o papel do espaço nas narrativas, transitando nos sentidos de que vai além de um lugar ocupada por personagens, mas como produção ou espaço de saberes, principalmente quando notamos um discurso em torno das questões de gênero e sexualidades, que visualizamos através de Passo da Guanxuma e as personagens que habitam-na.

Palavras-Chave: Caio Fernando Abreu. Passo da Guanxuma. Corpo. Sexualidades.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Souza García. Endereço eletrônico: moises.h.mendonca@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Caio Fernando Abreu (1948-1995) é natural da cidade de Santiago, no Rio Grande do Sul, e iniciou na literatura brasileira em 1970 com a publicação do livro *Inventário do Ir-remediável*² e até os anos de 1990 publicou contos, crônicas, romances e peças de teatro. A obra deste escritor é reconhecida pela sua diversidade ao apresentar um diálogo com o contexto histórico de produção entre as décadas de 1970 a 90, principalmente por apresentar uma relação com o momento da ditadura no Brasil, no qual encontramos em alguns contos o tema da censura e repressão, como a presença dos movimentos de contracultura e *hippie*. Além disso, as narrativas do escritor apresentam um diálogo também com outros textos literários e músicas, além de abordar temas como introspecção, afeto, solidão e sexualidade.

Pelo obra constituídas em contos, romances, crônicas, novelas e peça de teatros que o escritor possui e que são objetos de pesquisas no campo literário, neste trabalho procuramos elencar algumas reflexões da produção literária de Caio Fernando Abreu a partir de Passo da Guanxuma, cidade fictícia do escritor que apareceu nos seus escritos em meados de 1980 e é o local onde se passa algumas histórias ou lugar de personagens emblemáticos de sua obra, como dos contos “Linda, uma história horrível”, “Pequeno monstro” e da novela “Pela noite”.

Pela *cidade* de Caio Fernando Abreu, refletimos sobre o elemento do espaço através dos estudos literários e culturais, no qual observamos que essa cidade não se faz em descrição e local engessado onde ocorrem histórias, mas como Passo da Guanxuma

² Utilizamos do título do primeiro ano de publicação, contudo o livro é comumente titulado como *Inventário do Irremediável* desde 1990, ano no qual o próprio Caio Fernando Abreu fez a mudança do título ao retirar o hífen.

se constrói dentro da obra do escritor de forma dispersa, entre os textos, e tendo uma estrutura que provoca-nos pensar sobre um discurso que ela possibilita em relação às questões de gênero e sexualidades.

O QUE PODE UMA CIDADE, AINDA MAIS FICTÍCIA?

Passo da Guanxuma surgiu, inicialmente, no conto “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, do livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988) e em 1990, a cidade fictícia tomou forma e geografia, sendo que ela deveria ser mote de um romance. Com o “Introdução ao Passo da Guanxuma”, presente no livro *Ovelhas negras* (1995), o conto mapeia a cidade inventada, trazendo alguns valores e os habitantes, embora a mesma se encontra disseminada na obra de Caio Fernando Abreu: nos romances *Limite branco* (1992) e *Onde andaré Dulce veiga?* (1990); além das coletâneas *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), *Triângulo das águas* (1991)³ e *Ovelhas negras* (1995).

Através dessa cidade de Caio Fernando Abreu, procuramos então estudar o elemento do espaço, nos estudos literários e culturais, levando em conta os habitantes e os itinerários que a cidade provoca. Em que o próprio Passo da Guanxuma não apresenta de forma engessada e inata a cidade com suas ruas e casas, mas provoca um local que possui um discurso e dialoga sobre as questões de gênero e sexualidades.

Desse modo, ao escrever sobre o Passo da Guanxuma, que se envereda entre contos e romances, surgiu a pergunta: O que pode uma cidade, ainda mais fictícia? Essa indagação parte de

³ Tanto o *Limite branco* como o *Triângulo das águas* foram obras revistas pelo Caio Fernando Abreu e que incluíram a cidade Passo da Guanxuma, por isso fazemos menção aos anos de publicação da reedição revista pelo escritor.

uma colocação que nos é apresentada por Bachelard (1996), em que o pesquisador tomado por alguma curiosidade e no ato de conhecer, busca sanar o conhecimento. Contudo, se caminhar por uma cidade faz as pessoas se perderem, pesquisar assim também o faz, no qual ao invés de um prejuízo de desconhecimento, pensamos como procurar o conhecimento se torna mais desejoso.

Se por um lado encontramos uma estagnação ou obstáculos, por outro também temos outros olhares ao próprio conhecimento: “O conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras. Nunca é imediato e pleno. As revelações do real são recorrentes. O real nunca é "o que se poderia achar" mas é sempre o que se deveria ter pensado” (BACHELARD, 1996, p. 17). A colocação de Bachelard (1996) não se apresenta ingenuamente, pelo contrário, ao se perguntar sobre a potência de uma cidade fictícia, debruçamo-nos a um duplo jogo entre o pesquisador e a pesquisa, no qual o primeiro aprofunda o segundo e esse lhe permite um panorama maior sob os estudos: “Em resumo, o homem movido pelo próprio espírito científico deseja saber mais para, imediatamente, melhor questionar” (BACHELARD, 1996, p. 21).

Acompanhado da questão da produção literária, tendo em vista que é o objeto de pesquisa por tratarmos das narrativas de Caio Fernando Abreu, faz-se importante as considerações de Deleuze e Guattari (2011), quando os autores colocam: “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (GUATTARI; DELEUZE, 2011, p. 19). Desse modo, se Passo da Guanxuma que mostra-se uma face a crítica literária no que tange a espacialidade, pesquisá-la permite um percurso que se aprofunda sobre as questões de gênero e sexualidades que aparecem inscritas no espaço e nas histórias dos personagens.

De modo geral, a obra de Caio Fernando Abreu se adequa, de certa forma, ao rizoma de Deleuze e Guattari (2011), pela questão de conexão e multiplicidade, porque observamos essas conexões entre as narrativas através de eixos temáticos como como afeto, sexualidade, introspecção e entre outros pontos que surgem pela leitura da obra ou de personagens que aparecem sendo retomados em outros textos. Em específico a Passo da Guanxuma, isso aparece pela possibilidade de não tratar a cidade fictícia em um único livro, mas dentre várias narrativas que a cidade se faz presente.

Salientamos então como Passo da Guanxuma se apresenta no “Introdução ao Passo da Guanxuma”, do *Ovelhas negras* (1995), mas também está presente em “Linda, uma história horrível”, “O destino desfolhou”, “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga” e “Pequeno monstro”, de *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), no romance *Onde andaré Dulce Veiga?* (1990) e é inserida nas reedições de *Limite Branco* (1992) e “Pela Noite”, novela do livro *Triângulo das águas* (1991). Nesses itinerários da cidade fictícia dentro das narrativas, observamos que não se trata especificamente de uma descrição da cidade, mas um espaço de saber, quando olhamos para as personagens que habitam ou habitaram a cidade imaginada e provocam diálogos sobre ocupar esse lugar e a experiência urbana.

Para elucidarmos o Passo da Guanxuma, cita-se as palavras do próprio Caio Fernando Abreu e o surgimento da cidade:

A primeira vez que a cidade imaginária Passo da Guanxuma apareceu num conto meu foi em “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, escrito em 1984 e incluído no livro *Os dragões não conhecem o paraíso*. Naquele conto é narrado o assassinato de Dudu Pereira, que volta aparecer aqui. Em outras histórias, voltou a aparecer o Passo, até que assumi a cidade, um pouco como a Santa María de Juan Carlos Onetti. Este texto, de 1990, pretendia ser o primeiro capítulo de um romance inteiro sobre o Passo, tão ambicioso e caudaloso que talvez eu

jamais venha a escrevê-lo. De qualquer forma, acho que tem vida própria, com o estabelecimento de uma geografia e esses fragmentos de histórias quase sempre terríveis respingados aqui e ali como gotas de sangue entre as palavras (ABREU, 2018, p. 568).

Ao tratarmos sobre a cidade fictícia, buscamos compreender o que se coloca sobre o espaço na literatura, ou seja, esse elemento literário pouco destacado, mas importante às narrativas. Oziris Filho (2008) intitulou que o estudo sobre a espacialidade na literatura se define como topoanálise, termo utilizado também por Bachelard, no qual não se resume a uma questão psicológica ou descritiva, mas que possibilita no texto literário uma análise das relações do espaço com outros elementos da narrativa e que possa ocorrer uma leitura de perspectiva psicológica, social, filosófica, estruturalista, etc. Em complemento, Antônio Dimas (1987) acentuou que o espaço deve ter importância igual a qualquer outro elemento da narrativa, o leitor e pesquisador deve estar atento aos detalhes quando se pretende enveredar nesse caminho em uma análise literária.

Pelo trabalho de Marisa Gama-Khalil (2010), notamos também como se faz importante falar da relação entre espaço e descrição nas narrativas, em que não devemos reduzir o papel do espaço por conta da descrição, porque do mesmo modo do personagem e o tempo serem elementos importantes da narrativa, a espacialidade também tem significância e não sendo apenas um acessório de descrição:

A integração da descrição à narração, como bem explica Barthes, não deve ser explicada pela retórica, mas pelo fato dos elementos apresentados pela descrição (os espaços) serem, antes de tudo, discurso — palavras que não copiam o mundo, mas o recriam (GAMA-KHALIL, 2010, p. 223).

Observamos então como essa cidade se faz móvel e dotada de um discurso que lhe constrói, não se resumindo a algo fixo e

engessado. Existem nuances simbólicas que o Passo da Guanxuma nos oferece, observamos pelo próprio nome da cidade que se refere a uma planta, *Guanxuma*, no qual tem efeito medicinal e uso na fabricação de vassoura. Por outro lado, temos a presença em destaque da praça e Igreja, no qual assemelha a uma cidade do interior e insinua para a própria cultura dessa cidade ligada a valores religiosos. Destacamos um trecho de “Introdução ao Passo da Guanxuma”, no qual temos uma visão panorâmica da cidade:

Por quatro pontos pode-se entrar ou sair do Passo da Guanxuma. Vista de cima, se alguém a fotografasse — de preferência numa daquelas manhãs transparentes de inverno, quando o céu azul de louça não tem nenhuma nuvem e a luz claríssima do sol parece aguçar em vez de atenuar a navalha do frio solto pelas ruas, com o aglomerado das casas quase todas brancas no centro, em torno da praça, e as quatro estradas simétricas alongando suas patas sobre as pontas da Rosa dos Ventos — e ao revelar o filme esse fotógrafo carregasse nas sombras e disfarçasse os verdes, a cidade se pareceria exatamente com uma aranha na qual algum colecionador tivesse espetado um alfinete bem no meio, como se faz com as borboletas, no ponto exato em que as quatro estradas se cruzariam, se continuassem cidade adentro, e onde se ergue a igreja. A torre aguda da igreja seria a cabeça desse alfinete prendendo no espaço a aranha de corpo irregular, talvez disforme, mas não aleijada nem monstruosa — uma pequena aranha inofensiva, embora louca, com suas quatro patas completamente diferentes umas das outras (ABREU, 2018, p. 568).

O que detemo-nos em Passo da Guanxuma é como esse lugar estrutura um discurso sobre os desejos e normas, no qual nem todo afeto é aceito e das personagens ocuparem papéis de gênero que se reificam ou desnormalização uma estrutura social

implicada na homossexualidade. Para abordarmos a questão de gênero dentro do Passo da Guanxuma, exemplificamos com o caso de Madame Zaly, cartomante, vidente e curandeira, mas também mencionada como aborteira (ABREU, 2018, p. 569). A menção de que Madame Zaly morar em uma região distante destaca o local de exclusão ou marginalização de um feminino que não é aceito, embora procurado, e difere de La Morocho, prostituta e dona de bordel que vive numa região próxima do centro social de Passo da Guanxuma.

No que tange a sexualidade, observamos como esse dado aparece com personagens masculinos, não somente porque se apresentam com demasia, o que salienta um construto de masculinidade, mas inquieta-nos a partir de Passo da Guanxuma quais masculinidades fazem parte da cidade e porque alguns personagens saem da cidade. Destacamos isso para o sistema de heteronormatividade presente na cidade fictícia, tendo em vista que aqueles que saem e fazem com que Passo da Guanxuma se dissemine na obra de Caio Fernando Abreu foram os que não correspondiam com a homossexualidade. Como no caso de Dudu Nogueira, que em “Introdução ao Passo da Guanxuma” só se faz menção de sua morte na praia, mas em “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga” temos conhecimento de que o personagem morreu logo após beijar outro homem.

Em outros personagens que são de Passo da Guanxuma e saem, notamos pelas narrativas um teor melancólico, em que buscam afeto e conhecer a si mesmos fora de uma heteronormatividade que os reprime. Exemplificamos pelo conto “Pequeno monstro”, no narrador de *Onde andaré Dulce Veiga?* ou Pérsio e Santiago de “Pela noite”. Nesta última narrativa, os personagens lembram de quando moravam em Passo da Guanxuma, no qual era violentado através de insultos ou

criou uma farsa, através de uma relação heterossexual, para não sofrer alguma violência.

A partir desses dados refletimos então como o Passo da Guanxuma apresenta-nos um espaço de saber, na constituição de um espaço e de personagens que aceitam as normas ou repelem na tentativa de conceber novos modos de existir. Essas considerações são suscitadas ao levarmos em conta Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), quando ponderam sobre a produção de indivíduos a partir de uma sociedade que produz, dissimuladamente, hierarquias e normas que são internalizadas pelas pessoas e modela as subjetividades.

No caso em questão, Passo da Guanxuma exhibe construtos de gênero e sexualidade heterocentrada, ou seja, que normatiza e naturaliza a heterossexualidade como “correto”, enquanto outros modos de ser e desejar são marginalizados. Por mais que os personagens oriundos da cidade saiam por não serem aceitos, o Passo da Guanxuma aparece como um espaço que os personagens confrontam com outros espaços ao caminharem pelas cidades que ocupam, apresentando outros modos de ser e existir. Buscamos então entender como se constrói o Passo da Guanxuma ao mesmo tempo que conhecemos outros espaços que se fazem menos engessados, em normas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de Caio Fernando Abreu rompem a bolha heterossexual, não somente por trazer personagens não-heterossexuais, mas que também aparece na construção de uma cidade que observa como corpos e desejos são aceitos ou não. Por isso que através de um estudo do espaço literário, de uma relação entre cidade e literatura, percorremos por uma cartografia da Passo da Guanxuma, essa que nos mostra uma outra geografia,

subjetiva, ao levar em conta como ruas, casas e espaços não somente são locais engessados, mas que são ocupadas e construídos por sujeitos e discursos.

Dessas inquietações é que situamos um obstáculo, utilizando de Bachelard (1996), na construção do objeto de pesquisa sobre a obra de Caio Fernando Abreu e em específico a Passo da Guanxuma. Se o escritor brasileiro possui uma vasta fortuna crítica no qual se atualiza, encontramos então por essa construção do objeto um *agrimensar* de regiões, aproveitando as colocações de Deleuze e Guatarri (1995), pelas narrativas. Notamos então uma importância em cartografar Passo da Guanxuma, essa que contempla espaço e personagens, oferecendo, de certa maneira, outra leitura no campo dos estudos literários e nas pesquisas referente a obra de Caio Fernando Abreu.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando Abreu. *Contos completos*. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- BORGES, Oziris. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. In: *XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações*. São Paulo. UFTM. 2008.
- DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. São Paulo: Editora Atica, 1987.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 28, 2010.
- GUATARRI, Félix; DELEUZE, Gilles. Introdução: Rizoma. Trad. Aurélio Guerra Neto. In: *Mil platôs — capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Editora vozes, 1996.